

reportagem cultural

Dentro da sala, um sentimento de família

Cristiano Bastos*

Eduardo Norman (Space Rave)

“Em 2003, a Space Rave produziu o DVD **Juventude Enlouquecida** e, naquela noite de inverno, graváramos *Lunática Anarquista*, com o Gus Jahn captando imagens para o clipe. Cheguei da Livraria Kafka, onde trabalhava, e encontrei a Mari Kircher (com quem eu era casado e também integrava a Space) chorando no banheiro com nosso filho, Kim. Seu pai havia sido morto naquela manhã e ela recém tinha recebido a informação. Ainda em choque, encontramos forças para ir até a casa dos Dreher na Bom Jesus.

Foi aí que experimentamos a

aura mais sensível que o estúdio proporciona. O Thomas foi além da gentileza e dedicação peculiares e, ciente da situação, criou uma egrégora, nos deixando confortáveis para lidar com o tsunami de sentimentos e derramar na música. No segundo *take* já tínhamos a estrutura inicial de guitarra, bateria e baixo, seguidos por dobras de guitarras e camadas de teclados para culminar em vocais vindos da alma, entrando pelos fones e arrepiando cada um ao redor.

Foi como se sentir em família: eu, a Mari, o Murilo Biff, a Biba Graeff, o Guilherme Figueiredo, a formação da Space na época, o Thomas... E o Gus Jahn registrando com a delicadeza dos cinegra-

fistas invisíveis.

Difícil de expressar em palavras. Acredito que assistindo ao clipe dê para perceber a importância de um estúdio ir além do equipamento, arquitetura, *know-how*. Uma integração cósmica que só se encontra onde existe história.”



EVANDRO OLIVEIRA/JC



Carlos (esq) e Thomas Dreher, na sala onde foram gravados vários clássicos do rock gaúcho das últimas décadas



Banda Repolho gravou três álbuns no Estúdio Dreher

Grenal chapecoense

Roberto Panarotto (Repolho)

“Conhecemos o Estúdio Dreher por intermédio do Marcelo Birck, o qual havia feito a produção, em 1995, da terceira demo-tape da banda, intitulada *Repolho - Campo e Lavôra*, no Estúdio Alfa. O Marcelo nos propôs parceria para gravar o primeiro disco da Repolho através do selo Grenal Records, que ele criou para lançar o disco da Aristóteles de Ananias Jr. O álbum *Vol. 1* seria o segundo lançamento realizado pelo selo.

Apesar da estrutura simples do Estúdio Dreher – uma sala, gravador de 8 canais e sem efeitos – optamos por gravar lá, explorando a criatividade e as possibilidades sonoras típicas oferecidas pelos irmãos Dreher. Comparado ao Alfa, com suas várias salas e uma mesa de 16 canais, o Dreher trazia a possibilidade de transfor-

mar limitação em benefício explorando timbres e atmosferas únicas.

Em dezembro de 1996 começamos a gravação do álbum *Vol. 1*, que durou ao todo 12 noites e 12 madrugadas. Decidimos fazer a gravação do disco no período da noite para não atrapalhar o expediente das outras salas comerciais, estendendo o estúdio pelos corredores e escadas e assim explorando ecos e texturas do ambiente. Lembro que, em uma das músicas, cantei no parapeito da janela do terceiro andar, usando o silêncio da madrugada como efeito natural. O resultado permanece uma curiosidade na história do Estúdio Dreher.

O disco ganhou lançamento em 1997 e contou com participações de diversos músicos convi-

Cowboys do estúdio

Julio Remy (Cowboys Espirituais)

“Eu só conhecia o Thomas Dreher por antes ter gravado em seu estúdio, ao lado do Frank Jorge, um jingle para uma livraria de Porto Alegre. O Frank já andava gravando com ele coisas que viriam a compor o disco *Carteira Nacional de Apaixonado*. Acertei o preço com o Thomas e, no dia das gravações, levei uma garrafa de uísque. As primeiras músicas que concluímos foram *Como é grande o meu amor por você*, do Roberto Carlos, numa toada *country* chorada, e *Uma mulher*, que, posteriormente, seria incluí-

da tal e qual no primeiro disco dos Cowboys Espirituais (aprova da pelo Carlos Eduardo Miranda, então diretor artístico do selo Matraca da gravadora Trama).

Apesar de estarmos montando uma banda, cada um de nós, nessa época, tinha um projeto diferente de vida: o Petracco pensava em ir pros Estados Unidos tentar uma carreira lá, e o Frank queria dedicar-se ao estudo da computação, pela qual ele andava apaixonado. Já eu, por minha vez andava, deslumbrado com o sucesso do Cowboy do Deserto, o personagem que eu tinha na

TV Bandeirantes.

O Thomas Dreher, diga-se de passagem, mixou muito bem. Um dos momentos em que pintou a sintonia entre o Thomas Dreher e o Marcio Petracco, em que os dois ‘saíram da casa’, deu-se na gravação da canção *A irmã do Dr. Robert*, cujos rearranjos da música foram criados pelo Marcio e o Frank. Primeiramente, o Petracco tirou o solo da música nota por nota numa guitarra Sheraton.



No arranjo original do TNT, o produtor Reinaldo Barriga havia colocado um trompete piccolo emulando Beatles na fase *All you*

need is love.

Mas o som ficou muito duro, e falei: “Tá muito seco. Esse solo tem que vir das nuvens, lá da estratosfera. O solo tem que soar voador, ventoso”, eu sugeri. Daí o Marcio: “Que diabos tu tá falando, Julio?”. O Thomas inter-

feriu: “Eu acho que sei o que o Julio está dizendo...” E começou a emendar, fio sob fio, metros de cabos até conseguir costurar uma enorme gambiarra que permitia ligar o amplificador, a todo volume. Ligada na mesa, o Marcio ouvia suas guitarras, que ecoavam andares acima, pelos fones de ouvido. Obra do Thomas Dreher, o efeito daquilo foi genial, porque, realmente, parece que o solo vem de outra dimensão. Das nuvens, eu diria. E ficou perfeito. O Marcio Petracco até hoje orgulha-se muito daquele solo de guitarra.”